



Julho a Dezembro 2014

N.º 44 • 3ª SÉRIE

# CAPA e BATINA

Associação dos Antigos Estudantes de Coimbra em Lisboa



## NESTE NÚMERO

94º ANIVERSÁRIO DA  
TOMADA DA BASTILHA

PAG. 04

A CASA DOS ESTUDANTES  
DO IMPÉRIO E COIMBRA

PAG. 08

VIAGEM À ESCÓCIA  
E ISLÂNDIA

PAG. 13



- 03 EDITORIAL  
As Associações de Antigos Estudantes de Coimbra no Senado da Universidade
- 04 TOMADA DE BASTILHA  
94ª Comemoração da Tomada da Bastilha
- 08 EM DESTAQUE  
A Casa dos Estudantes do Império e Coimbra – Dr. Vitor Ramalho
- 09 CONFERÊNCIA  
Oito Séculos de uma Língua de Várias Culturas – Dr. Guilherme d' Oliveira Martins
- 11 TERTÚLIA ACADÉMICA  
"O Sudário de Turim, fonte de extraordinária informação científica" de Prof. Doutor Victor Manuel Matos Lobo
- 12 CONVERSAS MENSAIS
- 12 OPINIÕES  
"Sou um Miraculado" de Carlos Anselmo Vaz
- 13 OS NOSSOS PASSEIOS  
LÁ FORA: – Viagem à Escócia e Islândia  
CÁ DENTRO: – Passeio do Outono "Penafiel e Rota do Românico em Terras do Sousa"
- 18 A VOZ DA FILANTRÓPICA  
- Magusto  
- Almoço de Natal
- 19 MEMÓRIAS DOS TEMPOS DE COIMBRA  
Coimbra d'Encanto e Paixão - O Penedo da Saudade tem mais um Memorial
- 20 VISITAS LOCAIS
- 21 OS NOSSOS POETAS  
Poesia de Florêncio Campos
- 22 NOTÍCIAS BREVES
- 23 SE NÃO SABIAS, FICAS A SABER QUE...
- 23 NOVOS SÓCIOS
- 23 IN MEMORIAM

Os textos publicados podem ter sido ajustados ao espaço disponível.  
A versão integral pode ser consultada na Sede ou no sítio da Internet:  
[www.aaec-lisboa.com](http://www.aaec-lisboa.com)



---

## AS ASSOCIAÇÕES DE ANTIGOS ESTUDANTES DE COIMBRA NO SENADO DA UNIVERSIDADE

---

Na reunião do Senado da Universidade de Coimbra, de 4 de Novembro de 2014, presidida pelo Reitor Professor Doutor João Gabriel Monteiro de Carvalho e Silva, no seu ponto 4, "Possibilidade da presença como convidados permanentes no Senado de um representante das associações de antigos estudantes, e do presidente da Direcção Geral da Associação Académica de Coimbra", o Reitor fez uma proposta sobre a possibilidade de haver um representante das Associações de Antigos Estudantes de Coimbra, no Senado – com a condição de um entendimento dessas AAEC – como convidado perma-

nente sem direito a voto. A proposta foi aceite por unanimidade.

Em reunião dos Presidentes das várias AAEC, foi designado o Presidente da Associação dos Antigos Estudantes de Coimbra, "Casa-Mãe", no dizer da Presidente da Associação de Antigos Estudantes de Coimbra em Lisboa, por um período de um ano e em rotatividade com as outras AAEC. Convocado para a reunião do Senado de 3 de Dezembro de 2014 estive, assim, presente pela 1ª vez um representante das AAEC, o que foi vivamente saudado pelo Reitor e pelos restantes presentes.

Como convidado permanente sem

direito a voto aproveitou o ensejo para também saudar o Reitor e os restantes membros do Senado afirmando que as Associações de Antigos Estudantes de Coimbra estarão sempre dispostas a dar o seu contributo se solicitado.

Para nós, antigos estudantes de Coimbra e suas Associações este dia será sempre um marco no que respeita a, por fim, estarem representadas nos órgãos governativos da Universidade de Coimbra.

*Augusto Roxo,  
Presidente da Associação dos  
Antigos Estudantes de Coimbra*

---

### NOTA:

Já na nossa 75ª Comemoração da Tomada da Bastilha, o então Magnífico Reitor Prof. Doutor Rui Alarcão proclamou que "A vertente dos Antigos Estudantes é uma das características fundamentais da nossa Universidade, que é a única que tem a dimensão das gerações, no sentido vertical", em resposta à Petitionem (lavrada em latim macarrónico e subscrita por todos os representantes dos antigos e jovens estudantes) que aí lhe foi entregue, no sentido de a Universidade de Coimbra erigir uma estátua ao Estudante, como representação e ponto de encontro de todas as gerações, tendo o Magnífico Reitor reiterado o seu empenhamento pessoal (Capa & Batina nº 7).

A desejada 1ª pedra ter-se-á convertido, para já, numa 1ª presença do Antigo Estudante num Órgão Social da Universidade de Coimbra, quiçá como incentivo para alcançarmos assento de pleno direito, a par do perene Memorial que merece (estátua? monumento?).

*A Direcção da AAEC*

# 94ª COMEMORAÇÃO DA TOMADA DA BASTILHA

CASINO ESTORIL – 22 DE NOVEMBRO DE 2014



O menor número de participantes nesta comemoração anual – e diversas razões podem justificá-lo – não diminuiu a alegria do reencontro e do convívio entre gerações, tendo-se congregado as atenções e os aplausos, em primeiro plano, para os consagrados veteranos António Toscano e Durval Moreirinhas, personificando os executantes da VIOLA de Coimbra, muitos deles presentes. Tal correspondeu ao desiderato da Direcção da *Associação dos Antigos Estudantes de Coimbra em Lisboa* num momento em que já havia homenageado, no mesmo palco, intérpretes vocais do Fado de Coimbra: Paradela de Oliveira (1976), Ângelo Araújo, António Bernardino, Luiz Goes (homenagem nacional), Almeida Santos e Augusto Camacho.

Assim foi revelado pela presidente da Direcção, Fátima Lencastre, nas palavras de abertura do "Show Nosso",

onde couberam as habituais saudações a todos os convivas, em especial ao Magnífico Reitor Prof. Doutor Eng. João Gabriel Silva e ao Vice-Reitor Prof. Doutor Luís Filipe Menezes; aos presidentes das *Associações dos Antigos Estudantes de Coimbra* presentes, da *Casa da Académica em Lisboa* e da *Casa dos Açores*; aos jovens dirigentes da *Associação Académica de Coimbra* (Direcção-Geral e Assembleia Magna); e aos representantes da *Escola de Teatro de Cascais*. E também justos agradecimentos ao *Casino Estoril*, aos patrocinadores e a todos os intervenientes: os distintos apresentadores Luísa Alexandra e José Viegas, o jovem criativo *Orfeon Académico de Coimbra* (regido pelo maestro Artur Pinho), a *Escola de Teatro de Cascais* pela 3ª oferta de excelentes actuações dos seus alunos, sob a mestria da sua coreógrafa Helena Vascon, na dança, e regência de Carlos

Carranca (nosso Assessor Cultural) no canto, e os que colaboraram na Balada da Despedida.

Após a entrega pelo presidente do Conselho Fiscal, José Manuel Costa, ao Magnífico Reitor de mais uma bolsa de estudo – a Bolsa "VIOLA de Coimbra" a ser atribuída pelo *Instituto Universitário Justiça e Paz* – teve início o *Show Nosso* com a actuação do *Orfeon Académico de Coimbra "Fado-Vozes do Património"*. Este Orfeon decidiu criar o seu próprio espectáculo, pretendendo realçar o reconhecimento que o Fado adquiriu com o sucesso da sua candidatura a Património Imaterial da Humanidade (UNESCO) e a valorização resultante desta nova rede que faz a ligação entre Portugal e o Mundo. Além do seu repertório, enquanto representante da Academia Coimbrã, o Orfeon ofereceu temas de personagens célebres tanto do Fado de Lisboa como do

Fado de Coimbra, acompanhadas por guitarra portuguesa, guitarra clássica e quarteto de cordas.

Seguiram-se os preitos aos homenageados em elocuições pelas vozes escolhidas pelos próprios homenageados, enriquecidas com coreografias em dança de composições poéticas de cada um.

Das palavras que António de Almeida Santos proferiu em louvor de Durval Moreirinhas ressaltam:

*"O nosso Durval é um poço de virtudes. É além disso uma notabilidade enquanto executante da viola portuguesa, designadamente da viola de Coimbra, que com o tempo se distanciou da viola de Lisboa e da viola clássica.*

*Foi seu pai, oficial do exército que o familiarizou com esse simpático instrumento, que viria a marcar a sua vida. Desde logo pela negativa, determinando que, findo o curso dos liceus, que tirou já em Coimbra, no D. João III, que foi também o meu, viesse a interromper o curso superior de Ciências Geológicas, preenchido como estava, já nesse então, pelos seus êxitos como tocador de viola.*

*Ainda "bicho" – leia-se estudante do liceu – e no seu caso escandalosamente com 15 anos apenas, entrou para a Tuna Académica da Universidade de Coimbra, e veio, claro, a pertencer também ao Orfeon Académico. Aliás aos orfeons académicos, visto que, a partir de certa altura, o "Alma de Coimbra" se autonomizou e passou a competir, com*



*êxito crescente, com o velho Orfeon a que eu também pertenci.*

*...*

*Quando, porém, o domínio de um instrumento, designadamente da guitarra ou da viola, atingia alto nível, como foi o caso da associação de toda a vida entre o Durval e a sua viola, as visitas ao estrangeiro eram mais do que muitas, e a vida do artista passava a ser dominada por elas. O Durval foi um caso típico desta afirmação.*

*...*

*O nosso Durval Moreirinhas, em matéria de deslocações ao estrangeiro, tem um currículo de fazer inveja ao mais irrequieto embaixador: entre outras, menciono os Estados Unidos e a Europa – designadamente o Lincoln Center*

*de Nova Iorque e o Olympia de Paris. E foi também assim que visitou – nalguns casos por diversas vezes – Macau, Hong-Kong, a Indonésia, Timor, diversos lugares dos Estados Unidos e da França, a Áustria, a República Checa, a Holanda, o Japão, o Brasil, Cabo Verde, o Uruguai, a Argentina e, claro, repetidas vezes a Espanha.*

*...*

*O Durval Moreirinhas gravou, pelas minhas contas, mais de uma centena de composições de Coimbra e compôs ele próprio a música de larguíssimas dezenas. Posso garantir que vai continuar. Agora, é o seu prestígio que o exige. Acresce que ele acompanhou os maiores nomes da canção de Coimbra: Luiz Goes e, à guitarra o Durval Moreirinhas*



teve outro parceiro com idêntico significado: o que depois se tornaria, e hoje ainda é, apesar da sua modéstia, o Prof. Doutor Jorge Tuna.

...  
O Durval teve, inclusive, a honra de acompanhar alguns dos maiores guitarristas do nosso país, sem excluir alguns dos mais notáveis de sempre da guitarra de Lisboa. Além do Jorge Tuna, do João Bagão, do António Portugal, do Carlos Couceiro e do Teotónio Xavier já referidos, o Jorge Godinho, o Eduardo de Melo, o António Andias, o Octávio Sérgio, o Fontes Rocha, o Ricardo Rocha, o Manuel Mendes e o João Alvares, estes de Lisboa.

...  
Quem o conhece sabe que presidiu sempre à sua vida e à sua maneira de ser um toque de bondade, de suavidade e de compreensão para com o seu semelhante. Daí a facilidade com que concebeu harmonias musicais e relacionais que são verdadeiras obras de arte.

Fui sempre, e continuo a ser, irresistivelmente seu admirador e amigo."

Carlos Carranca, preiteando António Toscano, salientou:

"Sirvo-me dum poema roubado confesadamente a Leonel Neves, para iniciar o meu aplauso a um Amigo:

"O Toscano é do Douro, / é do Douro Litoral, / P'ra mim humano tesouro / da raiz de Portugal".

Não terão sido estes os versos criados pelo poeta algarvio, mas, estou certo que não desdenharia da mensagem a partir da sua, até porque desta amizade surgiu, por humano milagre, uma obra registada em quatro LP's sem dogma, onde a voz de Luiz Goes se ergue da terra "como braços suplicantes", procurando o "indizível infinito". Se não tivesse existido naquela hora um Toscano amigo do poeta, nem a Vila da Feira guardaria "...o Natal, a Primavera", nem o seu Castelo saberia hoje defender "a poesia / De um presépio todo verde", nem mesmo o pescador teria achado o seu "Cântico" nesse "silêncio (em que) a luz desmaia/ e é maior que o mar, a praia".

Mas para aquelas e aqueles que, por infortúnio, não tiveram a privilégio de, em algum tempo das suas vidas, encontrarem-se com a de António Toscano, deixo-vos, aqui, uma brevíssima resenha do seu percurso.

Nasceu a 29 de Setembro do ano de 1932, em Santa Maria da Feira, na vila "(...)de gente que parte / E não pode regressar". Fez a instrução primária na sua terra natal, o liceu no Colégio de S. Luís, em Espinho e, finalmente, assentou arrais em Coimbra, matriculando-se no curso de Direito da sua Universidade, que é como quem diz, onde gerundiou: estudando, namorando, boemiando, tocando guitarra (só mais tarde veio a viola), deixando correr o tempo, "que o tempo dá-o Deus de graça", diz o Povo, e o nosso homenageado, inteligente como é seu timbre, tudo fez para cumprir o provérbio.

Nos idos de 50, a partir da "sua" casa na Cruz de Celas, a República dos Bijagodes, lá frequentou os bancos (não, não são os que estão a pensar, esse são os de hoje!...) do curso de Direito que lhe abriu as portas de outro tempo, a Oriente - os das mil e uma noites... -, que as de Coimbra já as havia experimentado. E porque o nosso Amigo é um exemplar humano da arte de bem repartir o tempo, e lá diz o Povo "quem parte reparte e não fica com a melhor parte...", vai dos anos 50 a 55, vivê-los em Coimbra; de 55 a 59 em Goa e Diu e em 60, para quem não dissessem que não sabia fechar a década com chave de ouro, licencia-se em Direito, para gáudio dos seus pais, restante família e amigos.

Curso tirado, surgem outros tempos - os da responsabilidade profissional, onde virá a ocupar os cargos de adjunto do serviço de pessoal na TAP, adjunto do ministro da República para os Açores e fundou e dirigiu os serviços de pessoal da Fundação Gulbenkian até à sua aposentação.

E agora? Estou obrigado a falar de alguém que na vida tem cumprido exemplarmente a obrigação de a honrar - Jorge de Sena falava-nos da "honra de estar vivo" -, e Torga de, por nenhuma

razão, "descrer do chão duro e ruim" ou, como nos cabe dizer, vivê-la com todas as veras da alma.

Este é o segredo da longevidade do nosso António Toscano: o de nunca desistir e acreditar com uma lucidez por vezes excessiva na precaução, que mais ainda o humaniza e o torna exemplar aos olhos daqueles que com ele convivem de perto. É que ele, nascido no mesmo dia e mês de Miguel de Unamuno - o ano é que faz umas decadinhas de diferença... - herdou desse dia, como o reitor de Salamanca, o genes da singularidade. O Toscano é espécie única!

No seu tempo de Coimbra, integrado nos organismos académicos, como os outros, participou em digressões à Madeira, aos Açores (com a Tuna Académica); no ano de 54, ao Brasil com o Orfeon; ainda no mesmo ano, à Holanda com o Coro da Faculdade de Letras (em 55), e ainda... Ihe sobrou tempo para estudar, vejam lá! E como o tempo era generoso para o nosso Toscano, partiu para Goa, e lá cumpriu o seu dever de português intrépido, o de eterno viajante, qual Fernão Mendes Pinto, sempre em consonância com a aventura que é a vida.

Nos anos vividos na cidade en(cantada) - Vergílio Ferreira afirmava que a palavra Coimbra tinha a sonoridade de uma guitarra - tudo concorria para que o Toscano viesse a ser amigo e companheiro de muitos e ilustres nomes da guitarra, da viola e do canto de Coimbra: Pinho Brojo, Manuel Branquinho, Júlio Ribeiro, A. Portugal, Fernando Xavier, Jorge Tuna, Jorge Godinho, Abreu Lima, Manuel Mora e Carlos Couceiro. Na viola, Manuel Pepe, Fernando Neto, Levy Baptista, Dário Cruz e Polybio Serra e Silva. No canto, Augusto Camacho, Alexandre Herculano, Anarolino Fernandes, Higínio Faria, José Afonso, Luiz Goes, Machado Soares, Fernando Rolim, Sutil Roque, José Henrique Dias e Mário Medeiros.

Mas vai ser em Lisboa que António Toscano mais criativamente se envolve com o Fado de Coimbra, quando, a partir do ano de 66, passa a acompanhar esse



poeta da guitarra que foi João Bagão. Nesta fase grava com Luiz Goes quatro LP's, entre os anos de 66 e 82: "Coimbra de Ontem e de Hoje", "Canções do mar e da Vida", "Canções de Amor e de Esperança" e "Canções para quase todos". Os dois primeiros e o último destes trabalhos discográficos foram acompanhados pelo grupo de João Bagão e o terceiro por António Andias, Durval Moreirinhas e João Gomes. São da sua autoria as seguintes músicas "Cantiga de um pescador", "Aqui", "Alegria", "Trova da Vila da Feira", "Regresso da Pesca", "Canção para quem vier" e "Velas no Mondego". Neste tempo participou com Goes e outros cantores em digressões a Viena de Áustria, Brasil, África do Sul, Estados Unidos da América e Suíça (Palácio das Nações Unidas).

Desfeito o grupo de João Bagão, após a sua morte no final da década de 80, Toscano continua a tocar, agora com o grupo "Porta Férrea", onde pontificava o nosso querido e saudoso Carlos Couceiro acompanhado do seu Teotónio Xavier, hoje símbolo vivo desse grupo congrador na independência de cada um. Eram componentes do grupo Durval Moreirinhas (viola), Soares da Costa (viola) e o, então, jovem João Reis (na guitarra).

Integra, ainda, o Grupo Jurídico de Fados e Guitarradas formado em 1997, onde constam Lopes de Almeida (guitarra), David Leandro (guitarra) e o viola Levy Baptista.

Mas o nosso Toninho Toscano não para, continua permanentemente atento e criativo e foi assim que me tornei o feliz

contemplado desses atributos, ao associar dois poemas a músicas já concluídas: Uma intitula-se "Fratrã" e a outra "Sono do menino".

É isso mesmo que estão a pensar, fizemos um menino! Como diria o nosso Luizinho "Fraquezas!..."

Toninho,

Muitos serão aqueles que hoje aqui estão para te abraçar – a começar pela Clarisse e pelos teus filhos António e José Bento, mas esses abraços valem por uma vida – e porque fui honrado com esta incumbência de falar de ti, deixo-te, simbolicamente, o abraço poético dos que não podem estar contigo, dos que já partiram e de todos aqueles que continuam a gostar de ti por seres como és.

Ao meu amigo Toscano / uma prenda eu quero dar, / o abraço onde me irmano / no gosto de o abraçar."

Dentre as flores para as Consortes (de muita sorte...) dos homenageados, as figuras de barro representando-os na sua arte, as pequenas violas para todos os cultores presentes e as reproduções numeradas de uma aguarela da autoria do Colega da AAEC do Porto António Moniz para os alunos/artistas, ressaltou a Despedida, naquela Balada mensageira de Coimbra entoada no palco pela ETC, pelo OAC, pelos cantores intervenientes e, na plateia, por todos quantos se despedem até para o ano!



A Direcção

# A CASA DOS ESTUDANTES DO IMPÉRIO E COIMBRA



**Vitor Ramalho**

*(Secretário Geral da União das Cidades Capitais de Língua Portuguesa - UCCLA)*

A Casa dos Estudantes do Império (CEI) foi criada em 1944 pelo regime anterior para enquadrar os jovens estudantes das ex-colónias portuguesas que vinham frequentar o ensino superior em Portugal.

Sob os ventos da descolonização, iniciada após o termo da segunda guerra mundial, esses jovens procuram aprofundar o conhecimento da identidade dos territórios de onde eram originários. Ao fazê-lo editaram e distribuíram antologias poéticas, contos e vinte e dois livros de bolso, estes integrados na coleção autores ultramarinos.

Uma parte muito significativa dos poetas e escritores de referência dos hoje países independentes de Língua Oficial Portuguesa de África iniciaram-se na CEI, tal como políticos de nomeada.

Em 1961 cerca de cem desses jovens empreenderam uma saída clandestina organizada de Portugal para integrarem os partidos e movimentos de libertação entretanto criados, tendo a

PIDE encerrado a CEI em 1965.

A circunstância do anterior regime político ser uma ditadura forjou solidariedades múltiplas entre os nossos povos, incluindo o povo português face ao regime que a todos oprimia.

Daí que a UCCLA União das Cidades Capitais de Língua Portuguesa, levasse a efeito uma homenagem aos associados da CEI, tendo-a iniciado em 28 de Outubro de 2014 no auditório da Aula Magna da Reitoria da universidade de Coimbra, cidade onde existiu uma delegação da CEI.

Foram convidados para tomarem a palavra um número significativo desses antigos estudantes universitários, que hoje são, como se disse, referências incontornáveis das letras dos países africanos lusófonos.

A homenagem prosseguirá no auditório do edifício novo da Assembleia da República no dia 24 de Fevereiro próximo, às 16horas, com um debate sobre o movimento estudantil e a CEI, seguindo-se um colóquio internacional na Gulbenkian em Lisboa nos dias 22,23 e 25 de Maio, uma exposição sobre a CEI na Câmara Municipal de Lisboa ainda em Maio, e no dia 25 o encerramento solene na Fundação Calouste Gulbenkian com a intervenção de associados da CEI que acabaram Primeiros Ministros ou Presidentes da República dos Países de onde eram originários – Joaquim Chissano, Mário Machungo, Pascoal Mocumbi, Miguel Trovoada, França Van Dunem, Pedro Pires, contando-se também com a presença de Eugénia Neto, viúva de Agostinho Neto e um grande ativista da CEI.





# 8 SÉCULOS DE UMA LÍNGUA DE VÁRIAS CULTURAS

Conferência proferida no Jantar/Conferência organizado pela Associação dos Antigos Estudantes de Coimbra em Lisboa, em parceria com a Associação dos Antigos Alunos da Universidade de Lisboa. No Lisboa Plaza Hotel, 7 de Novembro de 2014 (Lisboa).



*Por Guilherme d'Oliveira Martins*

*Presidente da Associação dos Antigos Alunos da Universidade de Lisboa, Presidente do Tribunal de Contas e do Centro Nacional de Cultura.*

«A identidade nacional, tal como existe hoje, resulta de um processo histórico que passou por diversas fases até atingir a expressão que atualmente conhecemos» - disse José Mattoso, por certo o mais lúcido analista da identidade portuguesa. E a verdade é que a permanência do território europeu e das suas fronteiras, ao longo dos séculos, bem como a importância de uma língua antiga, com projeção intercontinental, falada por mais de duzentos milhões de falantes constituem duas características importantes que devemos lembrar. Temos as fronteiras estáveis mais antigas da Europa, somos a terceira língua europeia mais falada no mundo e o idioma mais usado no hemisfério sul. No entanto, como tem

sido salientado pelos estudiosos da questão portuguesa, a nossa identidade tem-se afirmado ao longo dos tempos, desde o século XII, a partir da sua capacidade de se enriquecer através do contacto com outras identidades e outras culturas. A cultura portuguesa sempre se tornou mais rica, abrindo-se, dando e recebendo. Formámo-nos como um cadinho de diversas influências - a partir dos vários povos que foram chegando à finisterra peninsular e se misturaram. E essa qualidade de receber e de se relacionar permitiu, a partir do século XV, a gesta de ir à descoberta de outras terras e outras gentes. Há, assim, um enigma bem presente, que é o de tentar saber por que motivo fomos mar adiante - a «dar novos mundos ao mundo». E se Eduardo Lourenço fala de uma superidentidade, di-lo como uma espécie de compensação, de quem vive dividido entre a recordação histórica de velhas glórias e a consciência presente de dificuldades e limitações. Por isso, os nossos mitos tornam-se importantes, não para explicar, mas para cuidar da sua crítica para obter a respetiva superação. Jaime Cortesão falou do «nosso» humanismo universalista de fundo franciscano, para significar que a dignidade humana está no centro da nossa «aventura». S. Teotónio, companheiro de D. Afonso Henriques e alma dos cónegos regrantes de Santo Agostinho, de Santa Cruz

de Coimbra, criou um centro erudito, animado pelo riquíssimo diálogo mediterrânico, renovador do pensamento europeu. Santo António de Lisboa, discípulo de Santa Cruz e companheiro do Pobre de Assis contribuiu decisivamente para a renovação teológica e cultural do franciscanismo na Europa e no mundo. Gil Vicente, Sá de Miranda e Camões usaram o tempo e o espírito para pôr a tônica nesse universalismo de ideias e valores. E o Padre António Vieira tornou as «Trovas» de Bandarra uma chamada a um desejo vivo e não morto, transformando a lembrança funesta de Alcácer Quibir num apelo de renascimento e restauração. No entanto, era mais fácil a invocação de um encoberto morto, com raízes fundo celta, trazido da noite dos tempos do ciclo bretão e dos cavaleiros da tábua redonda. Daí a ciclotimia que ainda nos distingue - entre momentos altos e baixos, entre o mistério da história e a dura tomada de consciência das fragilidades, que Alexandre O'Neill resumiu: «Portugal: questão que eu tenho comigo mesmo, / golpe até ao osso, fome sem entretém, / perdigueiro marrado e sem narizes, sem perdizes, / rocim engraxado, / feira cabisbaixa, / meu remorso, / meu remorso de todos nós».

O atual tempo de crise leva-nos a lembrar uma ancestralidade, que obriga a superar o «país sonâmbulo», que Miguel

Real recorda, bem como o prefaciador da obra, José Eduardo Franco: a história antiga; o amor-próprio; a sede arreigada de independência; os nove séculos de dificuldades e de vontade; a capacidade de manter uma identidade aberta; a recusa do fatalismo da mediocridade; o sentido crítico que permite ir à luta e não desistir; a consciência dos defeitos e a tentação do ilusório sonho; a contradição de nos acharmos os melhores ou os piores e o sentido trágico que leva à permanência, apesar de tudo. No entanto, estes elementos têm de ser vistos num percurso lento e complexo. Fernão Lopes retrata os alvores da realidade dos portugueses como projeto próprio de autonomia e emancipação, para além do reino político. João de Barros, nas «Décadas», encontra pela primeira vez os portugueses no mundo. «Os Lusíadas» e Camões apresentam a nossa história como uma epopeia digna dos clássicos. Fernão Mendes Pinto ligou a aventura e o drama, o picaresco e a história. A restauração de 1640 obrigou a consolidar a herança histórica própria. O quinto império abriu caminho à consideração do universalismo da dignidade humana, até que os últimos séculos foram afinando a «arte de ser português», agora, mais uma vez em encruzilhada decisiva. E a vontade, como afirmou Alexandre Herculano, tem tido um papel decisivo. «Somos porque queremos». Eis um motivo de esperança e de sentido crítico.

«Se a Europa é o lugar natural de Portugal, o seu lugar histórico é, hoje, a lusofonia (...). Os Descobrimientos fizeram-nos, constituíram o nosso tempo de adultos históricos, selaram a nossa identidade nacional. (...) Neste sentido, (continua Miguel Real) devemos sempre juntar ao nosso lugar natural (a Europa) o nosso lugar histórico (a lusofonia), este atualmente mais importante do que aquele, porque conquistado e realizado com sucesso. E diga-se, em abono da verdade, que o



européismo de que Eduardo Lourenço tem falado e cuja crise profundamente o preocupa não é concebido doutro modo – Portugal é Europa e é universalismo. Lorenzo Natali sempre afirmou que Portugal na Europa traria sempre a sua história, e o cosmopolitismo somar-se-ia ao universalismo. «Deste modo, o máximo de recursos possíveis dos países lusófonos deve ser vazado na educação e na cultura, pondo a tecnologia ao serviço destas e não o contrário, como a Europa tem feito, desenraizando de valores comunitários o atual homem europeu, um homem tecno-burocrata». E, em síntese: «finalmente, a comunidade lusófona deve constituir um espaço de paz absoluta sob tripla garantia: a da inexistência de guerra entre os seus membros; a da inexistência de guerra no interior do território de cada membro e a da defesa comum, caso um dos seus membros seja atacado. Neste sentido, o regime democrático, por mais imperfeito que seja, deve ser considerado a configuração política constitucional do Estado entre todos os membros da comunidade, obstando à substituição do poder por via militar» (M. Real). A reflexão obriga, no fundo, a ligar uma identidade aberta

e uma ligação generosa de caminhos independentes e complementares, sem paternalismos nem saudosismos. A lusofonia é uma teia complexa de diferenças. E, como disse Vieira na sua «Clavis Prophetarum» é uma prefiguração do respeito inteiro pela eminente dignidade de todas as pessoas.

Falar da identidade e da língua é invocar, antes de tudo, a responsabilidade da cidadania. Não há cultura viva sem o envolvimento dos cidadãos. Daí a importância da mobilização de todos em torno do estudo, da investigação, da divulgação, da cooperação científica e académica, da partilha de informações, da proteção do património cultural e da utilização adequada de recursos materiais e imateriais com vista à afirmação da identidade e da língua, numa perspetiva aberta e fecunda. Um mundo global obriga à preservação das diferenças e ao suscitar das trocas e complementaridades. Daí a importância do Observatório da Língua Portuguesa – espaço de cooperação e de partilha, numa lógica em que a Língua seja um espaço de várias culturas e em que a cultura salvaguarde a vitalidade das línguas, como realidades vivas de inovação e criatividade.



# “O SUDÁRIO DE TURIM, FONTE DE EXTRAORDINÁRIA INFORMAÇÃO CIENTÍFICA”

O Sudário de Turim é um pano de cerca de 4.36 x 1.10 m, guardado na Catedral de Turim. Está hoje cientificamente provado que esse pano envolveu um homem após morte traumática, em Jerusalém, no 1º Século da nossa Era, e por altura do início da primavera. Não se pode garantir a 100% que esse homem tenha sido Jesus de Nazaré. Contudo, a extraordinária riqueza da informação científica que por métodos de análise química altamente sofisticados se tem ultimamente retirado desse pano, tem tantas coincidências com o relatado nos referidos Evangelhos que, para efeitos práticos, pode afirmar-se não restarem dúvidas de ter sido o pano que envolveu Jesus de Nazaré, tal como com a identificação via ADN. Académicos competentes já calcularam que a probabilidade do Sudário de Turim ter envolvido outro homem que não Jesus é, similarmente ao ADN, muitíssimo pequena. Logo, podemos dizer, sem sombra de dúvidas e graças à enorme investigação científica (química, médica, física, biológica, geológica, etc.), que inúmeras equipas recentemente têm feito, que o Sudário de Turim é efectivamente o pano que envolveu o corpo de Jesus.

O alcance desta conclusão é de extraordinária importância. Infelizmente, a esmagadora maioria das pessoas ainda se não apercebeu dessa enorme importância. Foi meu objectivo contribuir para que os colegas meditem neste facto, e procurem informar-se da imensa riqueza da informação retirada do Sudário, por exemplo via



**Prof. Doutor Victor M. Matos Lobo**  
*Professor Catedrático da Universidade de Coimbra, membro do Conselho Nacional de Educação*

"Evidences for Testing Hypotheses about the Body Image Formation of the Turin Shroud", (pode imprimir-se via [www.shroud.com/pdfs/doclist.pdf](http://www.shroud.com/pdfs/doclist.pdf), sendo [www.shroud.com](http://www.shroud.com) talvez um dos mais interessantes portais).

Note-se que a coincidência entre as análises químicas ao pano de Turim e ao pano de Oviedo, que desde Cristo seguiram percursos totalmente distintos, é também notável (veja-se, e.g., [www.shroud.com/gusin.htm](http://www.shroud.com/gusin.htm)).

Talvez que o enorme desconhecimento que ainda há sobre a verdadeira natureza do Sudário de Turim possa assim ser explicado.

Desde a sua "reparição" em Lirey (a Sul de Paris) cerca de 1357, até às famosas fotografias de Secondo Pia em 1898, a autenticidade do Sudário era duvidosa, sendo mais de crer tra-

tar-se de mais uma fraude da Idade Média, com objectivos de angariar dinheiro de esmolas de incautos crentes, pois conhecem-se cerca de 40 pretensos sudários de Jesus Cristo e, esses sim, são fraudes. Contudo, aquelas fotos de 1898 vieram mostrar uma imagem muito mais complexa do que se observava à vista desarmada. E logo a investigação, sobretudo médica (por exemplo, pelo Catedrático de Anatomia P. Barbet, "La Passion de N.S. Jesus Christ selon le chirurgien", já com a 12ª edição em 1952!), deu espantosas revelações sobre aspectos da morte do "homem do Sudário". Contudo, uma datação pelo carbono 14 cujos resultados foram anunciados com imensa publicidade em 1988, dando o pano como sendo de 1260 a 1390, parecia ter definitivamente mostrado que se tratava de uma fraude. Daí o desinteresse pelo significado dessa relíquia. Só que muitos cientistas acharam que esse resultado do carbono 14 não batia certo com muitas outras observações que tornavam muito difícil de perceber como é que, em plena Idade Média, seria possível fazer uma fraude tão bem feita. E curiosamente, foi a equipa científica, muito competente e com muito sofisticado equipamento científico, que se instalou na Catedral de Turim com o objectivo (repare-se!) de averiguar como é que os falsários tinham conseguido produzir aquela tão perfeita imagem que, pouco a pouco, verificaram ser impossível a imagem ter sido produzida por fraude. Foram também descobrindo que havia erros

no processo de amostragem da pequena amostra de tecido levada para ser analisada pelo carbono 14. Concluíram que, afinal, nunca houve fraude nenhuma: o pano tinha mesmo envolvido um homem acabado de falecer de forma brutal, em Jerusalém, e pela mesma altura da morte de Jesus de Nazaré! Ora, enquanto a tese da fraude de 1988 foi muito publicitada, em conferência de imprensa com transmissão pelas

televisões, e muitos jornalistas, as extraordinárias revelações que negam completamente a hipótese de fraude, têm vindo a aparecer uma a uma, em discretos artigos científicos em revistas de alta especialidade, não lidas pela comunicação social, e daí não vindo para o grande público, que não dá por nada que apague a imagem da bombástica revelação de fraude, com base no carbono 14. Eu próprio tenho aconselhado

aos meus alunos um livro que dá como exemplo de datação pelo carbono 14 a questão do Sudário, onde se diz ser o Sudário uma fraude! Assim, durante uns 20 anos, milhares de alunos meus ouviram-me dizer que ... o Sudário seria uma fraude! E afinal não é! E é o documento mais revelador da morte de Jesus: coincide com os Evangelhos, mas diz muito, muito mais! E vem dar-lhes uma enorme credibilidade!

## CONVERSAS MENSAIS

Apenas se realizou uma – a habitual “*Vem Dizer de Tua Justiça*” – onde os Associados avaliam o desempenho da Direcção, fazendo reparos e/ou sugestões sobre as actividades desenvolvidas e apresentando propostas de viagens para o ano seguinte. Desta vez, pronunciaram-se sobre a situação de decréscimo de comparência nos eventos que implicam dispêndio, no sentido de ser recorrente em associações e movimentos congéneres, mas propondo que se mantenha o jantar mensal mesmo com o número mínimo (15) exigido.

Surgiram sugestões de locais diversos para o Fim-do-Ano e de viagens para o Verão; os mais votados constaram da Circular seguinte, a fim de todos os que quisessem poderem indicar as suas preferências.

Quanto às restantes actividades, a opinião dos presentes foi favorável, devendo manter-se nos mesmos moldes.

A Direcção

## OPINIÕES

### “SOU UM MIRACULADO”

BOM DIA PARA TODOS

É UMA MENSAGEM PARA A DR MANUELA PIMENTA JACINTO DE PONTE DE SOR QUE CONHECE O MEU AMIGO PEDRO MANUEL SOUSA PRATES PARA UMA CALOIRA DE VIAGENS E JORNALISMO SAÍU-SE EXPLENDIDAMENTE.

PARABENS

RECORDA-SE DE UM TIPO QUE TINHA A BOCHECHA COMO UM MELÃO E A QUEM CEDEU UNS COMPRIMIDOS DE BRUFEN? POIS EU SOFRIA DISSO HÁ UNS 20 ANOS E NINGUEM ME INDICAVA TRATAMENTO.

QUANDO CHEGÁMOS A LOURDES O CHICHORRO DISSE-ME PARA IR BEBER A TAL ÁGUA QUE MAL NÃO ME PODIA FAZER.

LÁ FUI E BEBI UM LITRO. NO DIA SEGUINTE O INCHAÇO TINHA CONSIDERÁVELMENTE DIMINUIDO.

O QUE ME ACONTECIA DE DOIS EM DOIS MESES NUNCA MAIS ACONTECEU...

É ESTRANHISSIMO MAS É VERDADE. NÃO SOU CRENTE MAS ALGO ACONTECEU QUE NÃO TEM EXPLICAÇÃO RACIONAL.

ABRAÇOS PARA VOCÊS E PARA O DECLAMADOR DE JOSÉ RÉGIO... E PARA O PEDRO MANUEL... CLARO

SAUDAÇÕES ACADÉMICAS

CARLOS ANSELMO VAZ

# LÁ FORA VIAGEM À ESCÓCIA E ISLÂNDIA

De 14 a 26 de Julho de 2014

Maria Fernanda Figueiredo



*"Mais importante que a viagem em si é o que fica no espírito do viajante"*

**Miguel de la Quadra-Salcedo, repórter e desportista**

Incumbida da missão – relato desta viagem – já muito próximo do seu final – tomei curtas notas de ocasião. Limitar-me-ei assim, ao que os meus sentidos apreenderam, ao que a minha máquina fotográfica captou, ao que o meu espírito registou e, também, aos depoimentos de alguns dos seus participantes.

Durante treze dias percorremos paisagens exuberantes, visitámos cidades maravilhosas, castelos carregados de história, catedrais e igrejas notáveis e convivemos amistosamente com um pequeno grupo de vinte e três interessados viajantes.

## ESCÓCIA

**Cidades** maravilhosas, como:

**Glasgow**, a maior cidade da Escócia, datada do século VI, a terceira mais populosa do Reino Unido, centro comercial dinâmico desde o século XVI, com o comércio do tabaco, um recheio monumental e artístico de relevo - Catedral medieval, a antiga Universidade (1451), Câmara Municipal, variados museus. No *Kelvingrove Art Gallery Museum* tivemos ocasião de apreciar, designadamente, obras de Arte Nova de Charles Rennie Mackintosh, (1868-1928), arquiteto escocês, uma coleção de pinturas de Monet (1840-1926), célebre pintor francês, entre os impressionistas, de Van Gogh (1863-1890), reconhecido pintor holandês, pós-impressionista e de Salvador Dali (1904-1989), catalão, surrealista. Impressionaram-nos os vastos e numerosos jardins, com variadas coberturas de

flores, como Glasgow Green,; a moderna arquitetura dos seus edifícios-residenciais, comerciais e de lazer, como Glasgow Tower, Science Center e Armadillo.

**Inverness**, "boca do rio Ness", capital da região de Highland, mercado agropecuário, indústria têxtil, centro-comercial de lã. Referida nos circuitos turísticos, associada à presença (?) do famoso "monstro" no seu lago, a sul da cidade. A travessia do Lago Ness não proporcionou o encontro com o monstro - em férias? - No trajeto, foi possível ver o comboio de Harry Potter que é um motivo de enorme procura turística.

**Aberdeen**, fundada cerca do ano 700, a terceira cidade da Escócia, importante porto do mar do norte, ponto de ligação às plataformas de exploração do petróleo, é também chamada a "cidade da prata", por ter um predomínio de edifícios construídos com granito claro/mica branca.

Famosa pela sua *University*, quinta mais antiga do Reino Unido (1495), com 5 Prêmios Nobel atribuídos. Ainda, a *Provost Ross's House*, construída em 1593, hoje *Maritime Museum* que engloba uma vasta coleção de materiais relacionados com o mar; *Saint Machar's Cathedral*, erguida em honra do santo, celta, em 580, catedral em 1130 e um complexo e atribulado historial, com a reforma em 1560. Notar a fachada do *Marischal College*, fundado em 1593, lecionando medicina e leis que, com o *Kings College*, datado de 1495, em artes e teologia, deram origem, em 1860, à Universidade de Aberdeen.

**St. Andrews**, uma cidade interessante, antigo burgo real. Conhecida por ser a capital do golf, com o maior campo neste desporto e pelo *Royal and Ancient Golf Club* que exerce a sua autoridade legislativa, nesta modalidade, em todo o mundo, exceto Estados Unidos e México.

Notável, a sua *Universidade*, fundada em 1413, com prestigiados representantes: o poeta William Dunbar MA 1479, Benjamin Franklin, leis, 1759; Sir James Black, Nobel, medicina; James Gregory telescópio; Edward Jenner, 1479, pioneiro na vacina da varíola; o poeta Rudyard Kipling, John Stuart Mill, filósofo e economista, J M Barrie, romancista, e John Napier, o inventor dos logaritmos.

Nesta Universidade, estudaram os atuais príncipes William e Katherine. Nas imediações, o café, local de curiosidade, onde eles se conheceram e namoraram.

**Edinburg**, centro financeiro europeu, e uma das cidades mais belas e vibrantes da Europa e, também, das mais perfeitas do mundo. Aqui, encontramos dois mundos distintos – o antigo, medieval e, o outro, de esplendor georgiano, mais recente – Edinburg novo. Capital da Escócia desde 1492 e sede do Parlamento escocês, desde 1999, nomeada Patrimônio da Humanidade, em 1995.

Exploramos a cidade, percorrendo a famosa *Royal Mile*, principal artéria que liga o Castelo ao Palácio de *Holyroodhouse*, residência oficial, na Escócia, de sua Majestade a Rainha Elisabeth II; passando pela Catedral, o *Grassmarket*, repleto de lojas,

cafés e restaurantes. Seguindo para a "cidade nova": a *Princess Street*, rua comercial por excelência e uma rede de outras ruas georgianas, muito animadas, com bares, restaurantes e boutiques excepcionais.

De anotar: o *Royal Museum* – antigo nome do *Museu Nacional da Escócia* contendo artefactos de várias áreas, envolvendo a Geologia, Arqueologia, História natural, Ciência, Tecnologia e Arte. e a National Gallery com uma impressionante coleção de obras de pintores famosos.

Interessante, a visita ao *HMY Britannia*, o antigo iate real da Família real britânica, em especial, da Rainha Elizabeth II, sendo o 83º navio a servir a monarquia, desde a coroação de Charles II em 1660. Transportou a família real em várias viagens oficiais, durante mais de 30 anos, mas atualmente está ancorado, permanentemente, como navio-museu.

Edinburg é uma cidade com uma grande riqueza histórica, não vivendo do passado, é moderna, cosmopolita, com vida e atividades culturais todo o ano. Recebe, no Verão, aquele que é considerado o mais importante festival cultural do mundo – o Festival de Edinburg que tem grande destaque entre os principais eventos do Reino Unido e da Europa.

Para chegarmos a Edinburg, percorremos estradas, contornando rios e lagos, campos de cultura, sempre com os olhos postos numa paisagem estonteante: as *high lands*, terras altas escocesas, a região mais rustica da Grã-Bretanha, com montanhas milenares e quase estéreis, ponteadas por castelos em ruínas, igrejas e abadias, ou o vazio mais absoluto onde reina o silêncio, apenas interrompido pelo cair da chuva, que quase sempre acompanhou o percurso. Vales glaciares como o *Glencoe* e *Dalness*, perto de *Fort William*, local famoso, não só pelas suas majestáticas montanhas e únicas formações geológicas, mas, também, pelo seu forte, sitiado nas guerras Jacobitas (pelo regresso de Jacob VI) durante duas semanas, em 1746. Chegados às costas ocidentais, com os seus "fiordes" e milhares de pequenas ilhas e ilhotas, aportamos na *ilha de Skye*, a maior e a mais setentrional das ilhas

do arquipélago das Hébridas, na Escócia, avistando as famosas montanhas de *Cuillin*, elevação com cerca de 992 metros, onde os tons verdes competem com os azuis das rias.

As "*Low lands*" – terras baixas, são as maiores zonas de cultivo, muitos quilómetros de extensos campos verdejantes, onde pastam milhões de ovelhas, ultrapassando o número de habitantes humanos, guardadas por um cão pastor; vacas, indolentes, mascando erva, à beira de rias tranquilas, de raça *Aberdeen Angus*. Esta raça tem as suas origens no Nordeste da Escócia, onde o seu aperfeiçoamento começou há cerca de 200 anos e destina-se à produção de carne de qualidade superior.

**CASTELOS históricos:** **Stirling** – localizado num penhasco rochoso, mirante de uma paisagem maravilhosa. Com o seu Palácio Real, onde nasceu Mary Queen e se ganharam e perderam batalhas pela independência, onde, durante três séculos reinaram, pomposamente, diferentes monarcas. De salientar o *Great Hall*, já restaurado, a *Royal Chapel*, as cozinhas, o *Regimental Museum*, casa espiritual dos regimentos Argyll e Sutherland Highlanders.

**Eilean Donan Castle**, construído numa pequena ilha em *Loch Duich*, a oeste das Terras Altas escocesas, ligado à margem próxima por uma ponte, homenageia *Donan de Eigg*, um mártir celta da Alta Idade Média. É um dos mais fotografados castelos da Escócia, local das filmagens de películas célebres, como os "*Imortais*".

**Cawdor Castle** é um palácio fortificado que se ergue entre magníficos jardins, a leste de *Inverness*. Esta torre apalaçada pertence ao Clã Calder. Ainda serve de lar à Venerável Condessa Cawdor. O castelo é mais conhecido pela sua ligação literária com a tragédia *Macbeth*, de *William Shakespeare*. No entanto, a história é altamente ficcionada e o próprio castelo foi construído muitos anos depois dos eventos representados na peça.

Na vizinhança, os campos da *Batalha de Culloden*, 1746, entre as tropas do governo britânico e os rebeldes jacobitas.

**Urquhart Castle** remonta ao século XIII, quando os seus domínios foram doados

à poderosa família Durward, localiza-se num promontório, no Lago Ness. Em posição dominante sobre as águas do famoso lago, já foi o maior castelo da Escócia, num dos mais belos cenários das Highlands, o que o torna uma atração imperdível para o visitante. Do alto dos muros ameados descortina-se uma magnífica vista do lago e sua vizinhança. Destacam-se, nas ruínas, os remanescentes das cozinhas, do portão, das masmorras e de outras estruturas e transporta-nos assim, à Idade Média, permitindo imaginar as lutas travadas aqui pelos vários clans, ao longo dos séculos.

**Fyvie Castle** localiza-se na vila de Fyvie, em Aberdeenshire. O início da construção do castelo remonta ao século XIII, com opulentos interiores, soberba coleção de armas e pinturas, incluindo trabalhos de Raeburn e Gainsboroug. Após a batalha de Otterburn (1390), deixou de ser um reduto real e esteve sucessivamente na posse de cinco famílias, cada uma das quais adicionou uma nova torre ao castelo.

**Glamis Castle** é um palácio que se localiza na aldeia de Glamis no domínio da cidade de Dundee, no leste da Escócia, rodeado de extensos parques e jardins encantadores. Pertencente à família Bowes-Lyon, um dos mais antigos clãs da no-breza escocesa, é a residência do Conde e da Condessa de Strathmore, que abrem o castelo ao público. Cheio de "glamour" e famoso por ter sido a casa de infância da Rainha Isabel II e onde a Rainha mãe deu à luz a princesa Margarida.

**Edinburg Castle** é uma antiga fortaleza que domina a silhueta da cidade de Edinburg, a partir da sua posição no topo do Castle Rock. Trata-se de um dos mais importantes castelos do país, sendo a segunda atração turística mais visitada na Escócia, ao receber anualmente cerca de um milhão de pessoas. A ocupação humana no local remonta ao século IX. No entanto, poucas das estruturas do castelo atual são datadas de antes do século XVI, com a notável exceção da Capela de Santa Margarida, o mais velho edifício sobrevivente de Edinburg, a qual remonta ao início do século XII.

Entre as suas atrações estão as jóias da Coroa Escocesa: a Coroa, a Espada e o Cetro. Outros pontos de interesse, no castelo são: Capela de Santa Margarida, os aposentos reais e o imponente Grande Hall, as prisões militares, a Mons Meg, e um exemplar das primeiras bombardas europeias. Durante três semanas, em Agosto, a praça em frente ao Portão de Armas do castelo serve de palco à Edinburgh Military Tattoo, uma parada militar famosa, em todo o mundo.

Na generalidade, estes castelos estão associados a lendas, neles pairam os espíritos de damas, mal amadas, crianças mortas, pessoas emparedadas, criando um ambiente de mistério e encantamento, em seu redor.

**CATEDRAIS monumentais como: Glasgow Cathedral**- A mais completa catedral medieval, na Escócia, que continua aberta ao público. Da sua magnífica nave e coro até à cripta de S. Mungo que, supostamente, aqui morreu no ano 614, passando pelos vitrais da nave do século XIV, o telhado aberto de madeira, tudo reflete o estilo medieval

**St. Andrews Cathedral**, em ruínas e que foi capital religiosa da Escócia, até à

Reforma e a Torre de St. Rule's, construída pelos frades Agostinhos, em 1130 e que possibilita, agora, vastos panoramas.

**S.Giles Cathedral, ou Alto Kirk de Edinburg** dedicada a santo Egídio, padroeiro da cidade, tem sido local de culto cristão por mais de 900 anos, sendo considerada a Igreja Matriz do Presbiterianismo. A sua arquitetura é de estilo gótico, simples, belíssima, interior e exteriormente, com vitrais maravilhosos e impressionantes colunas.

**Incidentes divertidos:** Em ELgin, entusiasmados pelo sabor do whisky fabricado na Glen Moray Distillery alguns dos participantes, seduzidos pelo preço, adquiriam umas tantas embalagens. Porém, mais tarde, verificou-se que, em vez do afamado líquido, tínhamos uma bonita caixa de caramelos... Deu para gozar...


Na Escócia, fomos acompanhados por um guia espanhol que ali vive há 3 anos e que, apesar da sua juventude, nos transmitiu muitos conhecimentos sobre a história, cultura, arte, política, saúde, ensino e que conseguiu responder às variadas questões colocadas pelos participantes, complementando com música típica, sem esquecer a característica gaita-de-foles.

## ISLÂNDIA

*"Um homem precisa de viajar. Por sua conta, não por meio de histórias, imagens, livros ou TV. Precisa de viajar por si, com os seus olhos e pés, para entender o que é seu. Para um dia plantar as suas árvores e dar-lhes valor. Conhecer o frio para desfrutar o calor. E o oposto. Sentir a distância e o desabrigo para estar bem sob o próprio teto. Um homem precisa de viajar para lugares que não conhece para quebrar essa arrogância que nos faz ver o mundo como o imaginamos e não simplesmente como é ou pode ser. Que nos faz professores ou doutores do que não vimos, quando deveríamos ser alunos, e simplesmente ir ver."*

**Amyr Klink, navegador brasileiro**





Eis-nos na Islândia, Terra do Fogo e do Gelo. País com pouco mais de 300.000 habitantes, cujas costas, a norte, se aproximam do círculo polar ártico. O clima é, todavia, clemente e temperado, graças à corrente quente do Golfo. Esta ilha é um laboratório, em formato real, para os cientistas e uma terra de aventura para os amantes da natureza e de sensações fortes. Faz parte de um conjunto de montanhas vulcânicas que percorrem o oceano atlântico médio, no sentido norte-sul, constituindo um dos picos emersos desta cadeia, mesmo no local onde as placas tectónicas americana e euro-asiática se separam.

A ilha aumenta, aproximadamente, 2cm/Ano, ao longo de uma falha norte-sul. Esta expansão traduz-se por fissuras e uma cintura vulcânica em cerca de um quarto do território.

Vulcões, alguns em atividade, tendo ocorrido a mais recente erupção em Agosto último- os vulcões de *Kero* e *Hverageroi* são uma autêntica beleza; glaciares, montanhas, cascatas, fiordes, e baías, numerosos lagos e ribeiros, campos de lava, assim como uma atividade geotérmica traduzida nos geysers e fumarolas que são uma constante no panorama, compõem as paisagens grandiosas da Islândia. As *cascatas de Seljalandsfoss*, a *Skogar* e a catarata de *Gulfoss* são maravilhas geológicas. O *parque natural de Thingvellir*, ali, onde as placas tectónicas rompem o solo; é um dos lugares históricos mais importantes da Islândia. No ano 930, o parlamento do país foi aí fundado, reunindo-se anualmente, quando o proclamador das leis as lia em público. Além da proclamação de leis, ainda ocorriam os julgamentos criminais no local, com a piscina de afogamentos no rio, onde os infratores eram punidos.

A independência islandesa foi proclamada neste lugar, em 17 de junho de 1944 e, hoje, o parque funciona como casa de verão do primeiro-ministro do país, e foi proclamado como Patrimônio

da Humanidade, em 2004. Amplas praias de areias negras, onde se observam as *3 rochas de Reynisdrangar*, chamadas as três Marias também fazem parte destas paisagens.

De realçar, a maior maravilha - *Lagoa Azul* - o SPA, internacionalmente conhecido. As suas águas quentes, curativas, deliciaram alguns dos companheiros que as experimentaram. Proporcionam conforto, relaxamento e uma suavidade na pele, em resultado da sílica existente nas suas águas.

**Reykjavik**, uma das mais pequenas capitais do mundo, fundada no ano 900 pelo viking *Ingolfur Arnarson*, passando ao correr dos séculos de um pequeno burgo a uma metrópole dinâmica, com um património cultural muito rico-numerosas galerias de arte, museus, a *Harpa*- a nova ópera e centro de conferências, teatros, estádios desportivos, o histórico edifício Hofdi, a Catedral Luterana de Hallgrímskirkja e o moderno edifício Perlan O velho porto é, provavelmente, o lugar mais romântico da cidade, a poucos passos da animada rua *Laugavegur*, com as suas casas coloridas, os restaurantes acolhedores, lojas de artesanato de artigos de couro e de lã. Estes, tricotados à mão, não só por mulheres mas, também, por alguns homens - nos longos dias de Inverno em que não podem sair de casa, em que as estradas se encontram fechadas, por a neve atingir, em alguns locais, acentuada espessura - chegam de todas as regiões da Islândia; comércios de sabões artesanais, preparados segundo métodos tradicionais (curioso que encontramos uma "boutique" que só vende sabonetes portugueses- Musgo Real).

\*\*\*

A estadia, neste local, proporcionou, certamente, um sentimento de humildade perante o Universo e um profundo apreço pelo povo islandês. É preciso "conhecer o frio para desfrutar o calor", a forma como os islandeses se

adaptaram às condições adversas da natureza, sabendo aproveitar as coisas boas que a mesma lhe oferece.

Acompanhou-nos uma guia portuguesa, Marina, que ali vive, há mais de 15 anos e que nos descreveu a forma como vivem os islandeses. Têm uma qualidade de vida superior, tirando partido das cerca de 20 horas de noite, durante o inverno, para conviverem em suas casas com os familiares e amigos. Desfrutam das numerosas piscinas de águas quentes e, nos longos dias de verão, pescam nos rios e lagos, vão às praias, ou deliciam-se nos jacuzis, ao ar livre, nos arredores das cidades. Ficámos, assim, a conhecer não só as características físicas da Islândia, mas, também, humanas, como a política praticada quanto à economia, finanças, sindicatos, comércio, saúde, educação e cultura.

#### **Incidentes divertidos**

Em Reykjavik, no Hotel Hilton, onde nos alojámos, havia no átrio uns frascos com refrescantes e saborosas guloseimas digestivas. Uma noite, depois de jantar, em colóquio familiar junto dessas delícias e que retirávamos, com parcimónia, com colheres apropriadas, chega um volumoso indivíduo que, rapidamente, introduziu a sua alargada mão no frasco. Atenta, a nossa Presidente agarra-lhe a mão, com firmeza, dizendo: -Isso não se faz, é falta de higiene. Ao que ele respondeu, humildemente -estou com pressa. Moral da história- A força da razão.

-Alguns e (algumas) dos nossos companheiros têm, em anteriores percursos, sido alvo de elevadas concessões honoríficas, em diferentes regiões do globo. Também, nesta viagem, o grupo foi alvo de uma cerimónia protocolar, na *Viking Village*, jantar para todos e imposição de honras vikings para alguns (umas). Beber por um chifre e refeição de 4 pratos, todos milimétricos, quer no conteúdo, quer na quantidade. Como é que os vikings conseguem ter aquelas formas musculadas?

## CÁ DENTRO

# PASSEIO DO OUTONO – PENAFIEL E A ROTA DO ROMÂNICO

De 3 a 5 de Outubro de 2014

*Matilde de Sousa Franco*

O Passeio do Outono, de 3 a 5 de Outubro, teve como temática "Penafiel e a Rota do Românico", e centrou-se no coração do ancestral Entre Douro-e-Minho.

No 1º dia, depois de saboroso almoço em Vila Nova de Gaia, foi o simpático, culto e divertido Grupo gozar a tarde quase estival, já às portas da cidade de Penafiel, na Quinta da Avelada, monumento nacional desde 1910, líder no sector vinícola: as delícias de um dos jardins românticos melhor arranjados, com vegetação exuberante, ilhas, destacada ruína, fontes variegadas, bem restaurado solar seiscentista ampliado dois séculos depois, a que se seguiram a visita à Adega Velha, a convidativa prova de queijos e vinhos em típica varanda, e a irresistível loja cheia de iguarias.

A cidade de Penafiel, onde pernoitámos, era, nesses dias, chamariz pela iniciativa "Escritaria"; nessa noite, houve o lançamento de um livro de Lídia Jorge.

A visita ao Museu de Penafiel ocupou a manhã do 2º dia. Instalado num solar setecentista, o museu, inaugurado em 2009 e que obteve em 2010 o prémio de "Melhor Museu Português", divide-se em 3 núcleos: História do Concelho, Arqueologia e Etnografia. É essencial saber a história da região para melhor apreender o que se vai vendo. Apenas em 1741, Arrifana ascende a vila e concelho, mas logo em 1770 a política pom-balina a eleva a cidade e sede de novo bispado (desmembrado o do Porto) e lhe dá o nome de Penafiel, designação que



era apenas do concelho. Assim, logo se faz adequada "leitura" do predomínio na cidade de construções posteriores à 2ª metade do séc. XVIII. Entre as personalidades da região, destacam-se: Egas Moniz, Padre Américo, Conde de Ferreira, D. António Ferreira Gomes, o portuense António Nobre, que na poesia, por exemplo na obra "Só", evoca as suas raízes familiares no concelho. O núcleo arqueológico do museu serviu sobretudo de aperitivo à visita dessa tarde ao Castro de Monte Mozinho, um dos maiores castros da Península Ibérica, de que acolhe imenso espólio. Recordo agora apenas 2 estátuas de guerreiros galaicos que "guardavam" a muralha do séc. I do castro. O também notável e bem exposto núcleo etnográfico do museu complementou o panorama regional.

O Castro de Monte Mozinho, povoado castrejo da época romana, cujas escavações começaram em 1943 e ainda não estão concluídas, tem uma área habitada de cerca de 22 hectares e duas linhas

de muralhas. Foi fundado no séc. I d.C. e habitado até ao séc. V, apresentando construções de casas circulares de tradição castreja, mas também elaboradas habitações romanas. O entusiasmo do nosso Grupo com a visita foi tal que, inclusivamente os mais idosos, treparam até à acrópole, zona sem construções interiores, onde os nossos antepassados faziam assembleias, jogos, mercado, e donde avistavam os inimigos, enquanto nós apenas deleitámos a vista no amplo horizonte.

Seguidamente, iniciámos a Rota do Românico desta zona, muito peculiar no contexto nacional, contemporâneo da fundação de Portugal, com estreita ligação às famílias protagonistas da Fundação e ilustrativo da história das primitivas ordens religiosas em solo nacional.

O Mosteiro de S. Pedro de Ferreira, em Paços de Ferreira, do séc XII, monumento nacional desde 1927, é caso único no Românico português, pelo seu portal e pelo nártex que o precede.

O 3º dia da viagem começou com a visita à Igreja do Mosteiro de S. Salvador de Paço de Sousa, monumento nacional desde 1910, com fundação no séc. X e cuja documentação de 1087, atestando a observância da regra Beneditina, é das mais antigas em Portugal. O edifício é considerado, no âmbito da arquitectura românica da bacia do Sousa e Baixo Tâmega, como modelo padronizador do românico nacionalizado. No seu inte-

rior, a atenção prende-se, sobretudo, no célebre túmulo de Egas Moniz de Ribadouro, o "Aio" de D. Afonso Henriques, que foi patrono do mosteiro e faleceu em 1146. Os baixos-relevos do túmulo parecem representar cenas de lenda épica talvez relacionáveis com a origem da família, embora haja quem lá queira ver retratada a ida de Egas Moniz a Toledo para honrar a palavra dada a Afonso VII. A última visita foi à Aldeia típica de

Quintandona, há pouco tempo recuperada nas suas construções de pedra de lousa e xisto, cujas ruas e ruelas percorremos, tendo nós descansado na recente unidade hoteleira, onde nos sentimos convidados a regressar, pelo menos em Setembro, para a anual atracção que é a Festa do Caldo, com os gostosos caldos tradicionais.

Foi um Grupo mais feliz, o que regressou deste maravilhoso Passeio do Outono.

## A VOZ DA FILANTRÓPICA

# ALMOÇO DE NATAL



Decorreu no majestoso salão da Casa do Alentejo, com 135 convivas, irmanados pelo espírito natalício, tão visível na atenção (e comoção...) com que ouviram o jovem Rodrigo d'Orey, da "Comunidade Vida e Paz" falar sobre o apoio aos sem-abrigo, e espírito esse depois materializado na contribuição para uma prenda pecuniária de Natal que por todos foi oferecida aos que dela carecem.

O Sarau que se seguiu contou com a actuação do nosso Grupo coral "Ad Hoc", com danças de salão e com o lançamento do CD do Veterano Camacho Vieira, apresentado por António de Almeida Santos.

Em despedida, os Grupos "Serenata de Coimbra" e "Serenata ao Luar" brindaram-nos com os seus dotes vocais e instrumentais, engrandecidos pela "fusão" de gerações...

## RECEITA – BOLO REI DE NATAL

*Natal visto pelo Sr. Campos:*

Que esta Festa de Natal seja uma  
Chávena de Amizade, a primeira;  
Uma segunda chávena de compreensão;  
A terceira chávena de paciência  
A quarta chávena com frescura de humildade,  
Todas refrescadas com um copo grande transbordando de Alegria,  
sorrindo com uma pitada de bom humor  
Louvando com uma colher de vida o  
Nascimento do filho de DEUS.  
Naturalmente medindo as palavras,  
Cuidadosamente acrescentando a compreensão,  
A humildade e a paciência, misturando tudo  
Com muito carinho, temperando com a alegria,  
O bom humor e a vida do menino nascido  
Na noite de Natal.  
Servindo o bolo de Natal com generosidade,  
Sempre com muito amor.  
Nunca deixando esfriar: a temperatura é a do coração!

# MAGUSTO DE S. MARTINHO

O dia (11 de Novembro) não muda... e não esmorece o entusiasmo dos 58 presentes pelo convívio, pela poesia alusiva e pelas castanhas (e seus saborosos manjares que as acompanham...).

O Grupo "Porta Férrea" brindou-nos com uma pequena, mas bem acolhida Serenata.



# COIMBRA D' ENCANTO E PAIXÃO O PENEDO DA SAUDADE TEM MAIS UM MEMORIAL

*Mário Bento Martins Soares*

O Curso de Direito 1949-54 celebrou em Coimbra a 27 de Setembro de 2014 as seis décadas da licenciatura.

Programa integralmente cumprido:

Missa evocativa de Professores e Colegas que já passaram à Eternidade.

Cumprimentos ao Magnífico Reitor e Exm<sup>o</sup> Director da Faculdade de Direito.

Almoço de confraternização dos colegas participantes e familiares aderentes.

Romagem ao Penedo da Saudade com descerramento da placa/memorial das seis décadas celebradas.

Foi ao associado da AAACL - Mário Bento Martins Soares - que coube a responsabilidade de organizar o programa. Teve o apoio importante do colega António Correia Teixeira. O destino, porém, não iria permitir ao saudoso Colega participar no evento. Operado de urgência cinco dias antes, a sua ausência foi, naturalmente, a sombra penosa do encontro, vindo a falecer inesperadamente cinco dias depois. Fica a memória de alguém que teve e mereceu a mais profunda e inabalável estima de todos os Colegas. As tarefas que lhe estavam confiadas na organização foram amavelmente assumidas pela Colega Maria José Pimentel Piqueira e Silva, nova associada da AAACL. Houve também duas ajudas em Coimbra - importantes e decisivas no êxito global do programa : do Dr. Francisco José Bento Soares, médico neurocirurgião aposentado e da Dra. Ana Rita Alfaiate - grande esteio da nossa ALUMNI. Ao primeiro couberam as diligências necessárias à Missa evo-



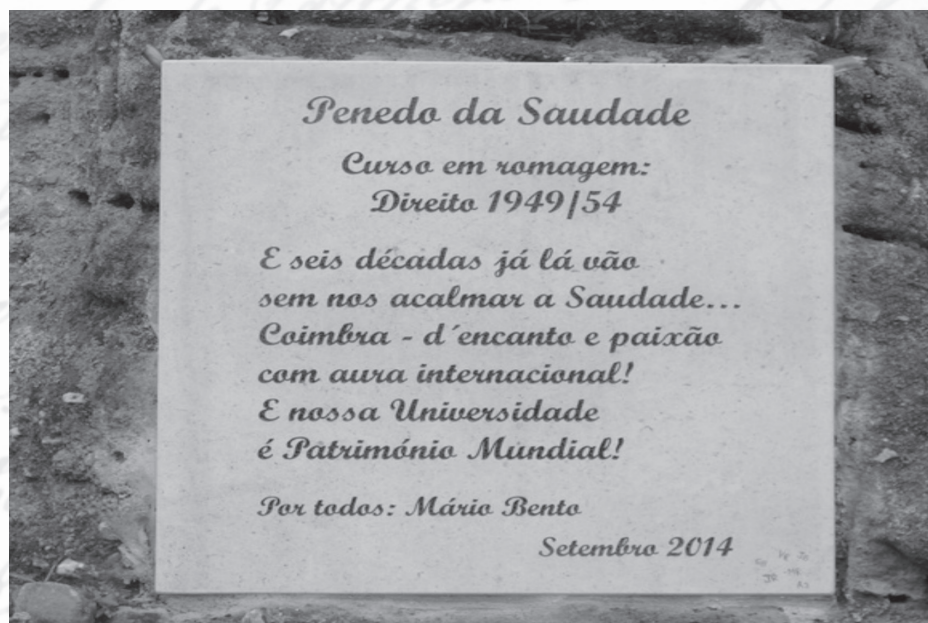
cativa e ao Memorial do Penedo como adiante ficará explicado; à Dra. Ana Rita Alfaiate se ficaram a dever - com a pronta e gentil disponibilidade que lhe é peculiar - as diligências e informações necessárias à viabilidade dos encontros com o Reitor e o Director da Faculdade de Direito.

Voltando então ao primeiro número do programa - Missa evocativa. Nos contactos que o Dr. Bento Soares estabeleceu com o Pe. Paulo Simões, ficou a saber-se que a Capela da Universidade, onde naturalmente seria celebrada, não estava disponível devido a compromissos anteriores com a celebração de casamentos. Foi sugerida e aceite com agrado geral a vizinha Capela do antigo CADC. Agrado geral, que desde

logo esteve confirmado em toda a celebração - fruto da palavra e simpatia humana do jovem celebrante - Capelão da Universidade.

O Magnífico Reitor, Prof. Doutor João Gabriel Monteiro de Carvalho e Silva recebeu, na mais afável simplicidade, os octogenários saudosistas e orgulhosos da sua Universidade, além de um bom número de familiares acompanhantes. Com as seis décadas a comemorar era inevitável o confronto de datas. Daí, ter o ilustre Anfitrião achado oportuno esclarecer, a dado passo, que - relativamente ao ano em festejo (1954) - o seu nascimento só iria ocorrer alguns anos mais tarde... Convívio familiar, afectuoso, sem protocolos, mas que encheu uma página inesquecível no amor dos

veteranos presentes à sua ALMA MATER. Inolvidável iria ser também o encontro de cumprimentos ao insigne Director da Faculdade - a mesma que, 60 anos decorridos, tinha dado o "canudo" aos agora festejantes. Recebidos no salão nobre, amplo espaço-memorial engalanado com quadros dos catedráticos que na Faculdade de Direito pontificaram ao longo dos tempos. Nem é descabido falar em séculos. Quem não sabia ficou a saber: naquele mesmo espaço foi estudado e elaborado o trabalho que imortalizou João das Regras no arrazar das pretensões de Castela à Pátria lusitana. Na resposta aos cumprimentos apresentados o Prof. Doutor António dos Santos Justo entendeu brindar os aniversariantes com uma brilhante exposição sobre a actual dinâmica da Faculdade em Portugal e no estrangeiro que a todos encheu do maior agrado. Seguiu-se o almoço convívio que teve lugar no Tryp Hotel. Primeira oportunidade em que o grupo completo - colegas e familiares - se reunia a sós. Nas saudades a matar eram lembrados convívios anteriores que a memória guardava em "lugares de honra". Um deles veio naturalmente ao de cima por força da ausência que ensombrou o de agora. O inesquecível Correia Teixeira - então governador civil de Portalegre - e sua esposa Elisabeth - ambos ao mais



alto grau do "bem receber" - deram aos Colegas visitantes provas da mais sentida amizade e afectuosa simpatia que não é fácil esquecer a quem as recebe. Nas boas recordações o tempo foge mais rápido e a hora da romagem ao Penedo da Saudade tinha chegado. Era o momento alto do encontro para descerrar a placa comemorativa deste aniversário considerada por todos como a "cereja no topo do bolo". O grupo era esperado pelo seu representante Dr. Francisco Bento Soares a quem tudo, no Penedo, se ficava a dever: inúmeras diligências para vencer as etapas burocráticas que precederam a autorização da Autarquia;

acompanhar depois a Senhora representante do Departamento da Cultura na escolha do local para instalação da placa. A aquisição desta, gravação e colocação - tudo ele providenciou também, acompanhando pessoalmente o trabalho de instalação. Os versos esculpidos na placa remetem para a eterna saudade e orgulho sem medida que todos votam a Coimbra e à sua nobre, secular UNIVERSIDADE - PATRIMÓNIO MUNDIAL DA HUMANIDADE.

Saudade e orgulho que marcaram o abraço da despedida.

## VISITAS LOCAIS

No 2º semestre de 2014 realizaram-se 2 visitas:

- Dia 15 de Outubro - não se realizou a visita programada ao Padrão dos Descobrimentos por este ter entrado em obras; fez-se em sua substituição: na Santa Casa da Misericórdia de Lisboa a visita à exposição "*O Arquivo: memória e promessa*";
- Dia 18 de Novembro - no Museu Nacional de Arte Antiga à exposição "*Splendor et Gloria - 5 Jóias Setecentistas de Excepção*" e à "*Obra Convidada - São Tiago Maior*";

Inscribam-se porque há numerus clausus; e não falem porque fica, quase sempre, alguém em "lista de espera"!

Apareçam sempre!



# OS NOSSOS POETAS

DE FLORÊNCIO CAMPOS

## ROSEIRA

Ofereceram-me uma flor  
Flor como jamais Maio criou  
Mas eu disse: já tenho uma linda roseira  
E não atentei na bela flor.

Voltei então para minha roseira linda  
Para a tratar noite e dia,  
Mas a rosa voltou-se de cima  
E os seus espinhos foram minha única alegria.

Sou rio – sou mar – sou vento do sul  
Sou nuvem que passa em tarde de inverno –  
Sou frio – sou cor – sou ave ferida –  
Sou morte – sou vida – sou pedra caída – e  
Muito pisada – sou barro – sou lama – sou tudo – sou nada –  
Lembrando embora o passado  
– é no futuro que pomos a razão de ser quem somos –  
num mundo sacrificado.

## NOTA FINAL

Transmitir conhecimentos  
É de todos um dever;  
Revelar bons sentimentos  
É amor e dá prazer.

Recordei a minha aldeia  
A família e os vizinhos  
Com saudades da infância  
E de todos os amigos.

Nos versos que escrevi  
Percorri a minha vida,  
As tristezas e alegrias  
Em emoções que senti.

Ser jovem, é bom lembrar  
Ser estudante, também;  
Viver, amar, trabalhar,  
Procurando o nosso bem.

Quis deixar nos que são jovens  
Conselhos de boa moral  
Normas de vida, também  
Na procura de um ideal.

Não esqueci a religião  
Nem as coisas mais sagradas  
Que são minha devoção,  
Por mim sempre respeitadas.

Se fiz versos a reinar  
E de pura fantasia  
Foi, tão só, para brincar  
Nuns momentos de alegria.

Versos sentidos e a sério  
Foram por mim bem pensados  
Estão cheios de mistério  
De vivência do passado.

São versos de inspiração  
Na vida, na natureza;  
Traduzem uma lição  
São amor e são riqueza.

A vós que lestes meus versos  
Mesmo sem vos conhecer  
Deixo um abraço fraterno  
Para assim agradecer!!

## TERRA

Planeta azul, Terra linda, Bendita  
Vós que girais em movimento eterno,  
Cumpres as leis certas do Universo  
Fazendo a Noite e o luminoso dia;  
Beijas o Sol, toda sensual e bela,  
Vestida de florestas e de oceanos  
E de diferentes roupagens de enganos  
De Verão, Outono, Inverno, Primavera.

Procuras ser feliz, cobrir-te de Vida;  
És do Universo a grande rainha  
Cheia de tesouros e de riquezas.

E, para vossa vaidade ser respeitada,  
E entre os astros a mais venerada,  
Fizeste o Homem Rei da Natureza.

### 01.

## JANTARES MENSAIS

Realizaram-se 2: em Julho e em Dezembro, com 28 e 46 participantes, respectivamente, no mesmo clima de convívio aberto e oferta da sempre desejada Serenata de Coimbra pelos Grupos "Porta Férrea" e "Serenata de Coimbra". E, sem faltarem os "Parabéns a Você" cantados aos aniversariantes presentes.

### 02.

## LANÇAMENTO DO LIVRO "POÉTICA DA CANÇÃO DE COIMBRA"

As Edições Piaget e os Autores, o nosso Associado Fernando Murta Rebelo e o Dr. José Fernando Tavares, convidaram a presidente da Direcção desta Associação a integrar a mesa constituída para o lançamento da obra no salão nobre da Sociedade Histórica da Independência de Portugal, em 14 de Novembro, a qual foi presidida pelo também nosso Associado António de Almeida Santos, que a apresentou em palavras elogiosas (com todo o merecimento...), tais como: "Pela primeira vez, o tema é tratado com a seriedade, a profundidade, e a competência por que, durante cerca de dois

séculos, pelo menos, Coimbra e o país de balde tiveram de esperar.

...

Os autores tiveram a preocupação de ir até à exaustão na identificação e caracterização do quase milhar de canções que referem, identificam e caracterizam. Mas não era a quantidade que estava em causa. Só a qualidade.

...

E os autores tiveram o mérito de ligar Coimbra, a sua universidade, os seus estudantes, e a sua canção aos factos com significado histórico, político, religioso e civilizacional.

...

Coimbra teve a sorte, e os que amam Coimbra com ela, de os autores e editores deste livro terem tornado possível esta aliás preciosa edição, esta preciosa "sebenta" sobre a canção de Coimbra, que representa muita cultura, muita investigação e muito trabalho."

A sessão terminou com a actuação do Grupo "Serenata de Coimbra", com fortes aplausos pela numerosa assistência.

### 03.

## COLABORAÇÃO E CONVÍVIO COM OUTRAS ENTIDADES

◆ O Magnífico Reitor da Universidade de Coimbra convidou-nos a assistir à cerimónia de abertura solene das aulas do ano lectivo 2014/15 (em 24 de Setembro).

◆ A Soroptimist Internacional e a Expoverde organizaram uma exposição sobre "Ambiente num planeta sustentável" em Outubro, que culminou com um jantar na Messe de Pedrouços onde foi convidado a actuar o nosso jovem Grupo "Serenata ao Luar".



◆ Foi com a maior solidariedade que no dia 18 de Dezembro, participámos numa "Tertúlia Académica" com Colegas de Coimbra – autóctones de Angola e expatriados neste país, promovida pelo restaurante "Coimbra Taberna" (recém inaugurado), na Calçada de S. Francisco, nº 6A e concebido pelos nossos jovens Nuno Cadete e Jorge Fernandes para divulgar o Fado e a Canção de Coimbra nos jantares de 6ª feira e sábado.



## 06.

### SE NÃO SABIAS FICAS A SABER QUE...

Deram entrada na **Biblioteca** da nossa **Associação** neste 2º Semestre enriquecendo o património com livros e outra documentação os Sócios e Amigos: - Dr.<sup>a</sup> Maria de Fátima Lencastre, Dr Aguinaldo da Fonseca e a Associação dos Pupilos do Exército. *Perdoar-nos-ão os que, por lapso involuntário, não foram nomeados.*

## 07.

### NOVOS SÓCIOS ADMITIDOS...

... em 2014 (de Julho a Dezembro) foram:

Dr.<sup>a</sup> Maria La Salette Santos Coelho Carreiro Cordeiro, Sócio nº 1316;  
 Dr.<sup>a</sup> Maria Filomena Henriques Ramos, Sócio nº 1317;  
 Dr.<sup>a</sup> Maria do Céu e Silva Bártolo, Sócio nº 1318;  
 Dr.<sup>a</sup> Maria Eduarda Costa de Barros Caldeira, Sócio nº 1319;

Dr. Alberto José Marques da Silva, Sócio nº 1320;  
 Dr.<sup>a</sup> Antonieta Silva Antunes Fernandes, Sócio nº 1321;  
 Dr.<sup>a</sup> Cláudia Margarida Vasco da Silva Pereira Carneiro, Sócio nº 1322  
 Dr.<sup>a</sup> Maria José Pimentel Piqueira e Silva, Sócio nº 1323.

### IN MEMORIAM...

**Deixaram-nos... no segundo semestre de 2014:**

- Dr. António Henrique Bigotte Dias Loureiro, Sócio 200 – em Julho;  
 - Eng. Luís Esteves Alves Figueiredo, Sócio 779 – em Outubro;  
 - Dr. Mário Sales Sousinha, Sócio 193 – em 3 de Outubro;  
 - Dr. Danilo Augusto Alves Martins, Sócio 586 – em 4 de Outubro

- Dr. Artur Luís Martins Cutileiro Ferreira, Sócio 51 – em 22 de Novembro  
 - Dr. Carlos Bernardo Mendes Paulo, Sócio 727 – em 3 de Dezembro  
 - Dr.<sup>a</sup> Maria Antonieta de Almeida Paula de Lima, Sócio 413 – em 22 de Dezembro.

**Que descansem em Paz!**

#### NOTAS:

Ainda temos Sócios com quotas em atraso, não só deste ano como de anos anteriores (alguns...)  
 Quando estarão todas em dia? Não podemos "viver" sem elas!



Julho a Dezembro 2014

## FICHA TÉCNICA

### CAPA E BATINA

**DIRECTOR:** A Presidente da Direcção

**EDIÇÃO:** Associação dos Antigos Estudantes  
de Coimbra em Lisboa

Instituição de Utilidade Pública

Rua António Pereira Carrilho, 5 - 1º

1000-046 LISBOA

TEL. 21 849 41 97 FAX. 21 849 42 08

E-MAIL: [aaec@sapo.pt](mailto:aaec@sapo.pt)

INTERNET: [www.aaec-lisboa.com](http://www.aaec-lisboa.com)

FACEBOOK: AAEC em Lisboa

**PERIODICIDADE:** Semestral

**TIRAGEM:** 1000 exemplares

**DISTRIBUIÇÃO GRATUITA AOS**

**SÓCIOS DA ASSOCIAÇÃO**

